



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

INSTITUTO DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LITERATURA



PROVA ESPECÍFICA – DOUTORADO EM LITERATURA COMPARADA

ORIENTAÇÕES

- 1) **LEIA COM ATENÇÃO AS QUESTÕES 01 E 02;**
- 2) **SELECIONE UMA DAS QUESTÕES E INDIQUE O NÚMERO CORRESPONDENTE EM SUA FOLHA DE RESPOSTA (CADA CANDIDATO/A DEVE RESPONDER A APENAS UMA QUESTÃO DA PROVA);**
- 3) **NO DESENVOLVIMENTO DE SUA RESPOSTA, SEJA QUAL FOR A QUESTÃO SELECIONADA, LEVE EM CONSIDERAÇÃO AO MENOS UM DOS TRÊS TEXTOS APRESENTADOS (TEXTOS I, II e III).**

QUESTÃO 01

A reflexão em torno das fronteiras nacionais, artísticas e disciplinares tem demandado, contemporaneamente, a revisão de hierarquias e genealogias. O aviltamento de formas de existência alimenta conflitos culturais entre grupos sociais dentro de um mesmo Estado Nação e/ou entre nações, assim como entre formas de conhecimento e setores criativos, e exige posicionamentos que considerem, como afirma Haroldo de Campos, que: “Enfrentar-se com a alteridade é, antes de mais nada, um exercício de autocrítica, assim como uma vertiginosa experiência de ruptura de limites.” (TÁPIA, Marcelo & NÓBREGA, Telma M. (Orgs.). *Haroldo de Campos*: Transcrição, 2013).

Nesse sentido, a própria definição de literatura está em questão como categoria estética, cultural e geopolítica surgida na modernidade. A literatura, compreendida como arte da escrita alfabética, com privilégio dado à palavra impressa, tem sido confrontada pelo reconhecimento da relevância de outras formas verbais, bem como das expansões resultantes de experiências de deslocamento dos limites entre linguagens, saberes e culturas. Se a hegemonia da escrita alfabética representou a desqualificação de manifestações da voz e do corpo, em sua feição performática, isso não impediu que persistissem práticas culturais caracterizadas pelo entrelaçamento de palavras, cantos, desenhos, danças, relatos e gestos. Por outro lado, frente à imposição global da modernidade como modelo único e a consequente depreciação de manifestações culturais diversas, a assunção do caráter literário e artístico dessas expressões coloca em xeque a própria definição ocidental de literatura.

Diante das possibilidades apresentadas por obras que buscam uma perspectiva mais expansiva do literário – como se observa em experimentações de vanguarda, na produção de arte

contemporânea, nas artes verbais indígenas e nos desenhos de escrita (para recuperar Davi Kopenawa em *A queda do Céu*), nas afrografias e outras produções culturais cujos agentes são identificados como minorias e/ou pertencem a periferias socioeconômicas, a exemplo da poesia de slam e de modalidades musicais como rap e o funk –, desenvolva:

Uma discussão fundamentada sobre os processos estéticos e políticos que envolvem a definição do que é ou não *literatura* na atualidade. Aborde, em sua reflexão, os textos I e/ou II e/ou III.

Em sua resposta, considere a bibliografia disponibilizada no edital e o seu repertório pessoal de leitura. Sua reflexão deverá ser apresentada com clareza e consistência em um texto coeso e coerente.

QUESTÃO 02

No atual contexto de crise, caracterizado pela intensificação de processos de exploração da vida e seus efeitos, em particular, sobre os mais pobres e os marginalizados, a busca por alternativas envolve uma disputa pelo imaginário social para que se possa caminhar na direção de cosmovisões não extrativistas. Trata-se de pensar outras formas de estar no mundo na medida em que, como Marcos Siscar observa sobre a obra de Michel Deguy: “A própria noção de ‘crise’, entendida como mutação constitutiva do processo histórico, pode ser vista como uma nova ‘chance’ para se repensar nossa condição de maneira ampla. O momento é propício, inclusive do ponto de vista da arte, na medida em que o que interessa à arte é retomar os restos (as ‘reliquias’) daquilo que toma fim e dar-lhes uma nova forma [...]” (“O Que Termina Apenas Começou: Michel Deguy e a Poética da Ecologia”, 2014).

O ato criativo como propositor de mundos está manifesto, por sua vez, no fazer literário em suas múltiplas feições. De fato, a literatura e as artes, por meio da linguagem, constroem ou propõem possibilidades de mundo, oferecendo experiências que podem afetar percepções e concepções consolidadas. Porém, a criação, ao envolver processos de apropriação e reapropriação, construção e desconstrução, conexão e desconexão, mobiliza um conjunto de elementos, formas e materialidades que, por sua vez, subentendem usos prévios que constituem referências a partir das quais o/a escritor/a e o/a artista vão trabalhar. Nesse sentido, o quadro referencial de partida pode ser desmontado, contradito, ratificado, desenvolvido, valorizado ou desvalorizado, o que leva a crer que não só o que se estabelece como referência, mas também o modo como se lida com as realidades acionadas, irá se refletir nos mundos que se propõem. Sob essa óptica, criar se aproxima do que Antoine Compagnon propõe, em *O trabalho da citação* (Tradução: Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007), ao afirmar que “O trabalho da escrita é uma reescrita já que se trata de converter elementos separados e descontínuos em um todo contínuo e coerente, (...): toda escrita é colagem e glosa, citação e comentário”.

Tendo em vista que processos de criação literária exigem, muitas vezes, mobilizar o que se estabeleceu como tradição e lidar com aquilo que se julga relevante como matéria literária em um dado contexto histórico-social, desenvolva uma discussão sobre *como a literatura contribui para a construção de imaginários* em situações de crise. Aborde, em sua reflexão, os textos I e/ou II e/ou III.

Em sua resposta, considere a bibliografia disponibilizada no edital e o seu repertório pessoal de leitura. Sua reflexão deverá ser apresentada com clareza e consistência em um texto coeso e coerente.

TEXTO I

Diário de Bitita

[fragmento]

Quando não chovia, as mulheres reuniam-se, iam fazer romarias, rezar aos pés dos cruzeiros e molhavam as cruzes e pediam a Deus para mandar chuvas, acendiam velas. O meu avô rezava o terço. Quem sabia rezar, era tratado com deferência especial. Ele recebia convites para ir rezar nos locais distantes. Depois do terço, nós bebíamos licor de abacaxi, e os comestíveis eram variados. Broa de fubá, biscoito de polvilho. Eu ficava vaidosa por ser a neta de um homem que sabia rezar o terço, convencida que éramos importantes. Eu preferia o arroz-doce preparado com leite puro.

Os oito filhos do meu avô não sabiam ler. Trabalhavam nos labores rudimentares. O meu avô tinha desgostos porque os seus filhos não aprenderam a ler, e dizia:

– Não foi por relaxo de minha parte. É que na época que os seus filhos deveriam estudar não eram franqueadas as escolas para os negros. Quando vocês entrarem nas escolas, estudem com devoção e esforcem-se para aprender.

E nós, os netos, recebíamos as palavras do vovô como se fossem um selo e um carinho. [...]

O povo era revoltado porque o seu sonho era aprender a ler para ler o livro de Castro Alves. Os negros adoravam o Tiradentes em silêncio. Se um negro mencionasse o nome de Tiradentes, era chicoteado, ia para o palanque para servir de exemplo. Para os portugueses o Tiradentes era o secretário do diabo. Para os negros, ele era o ministro de Deus.

O vovô nos olhara com carinho. “Deus os protegeu auxiliando-os a não nascer na época da escravidão.” Os negros libertos não podiam ficar no mesmo local. Deveriam sair de suas cidades. Uns iam para o Estado do Rio, outros para o Estado de Minas, de Goiás, para ficar livres do xingatórios dos ex-sinhôs, e repetiam as palavras de Castro Alves: “O negro é livre quando morre”.

.....
JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p.57-59

TEXTO II

O GOSTO DOS METAIS

no começo era a lama.

logo irrompe uma pata de cavalo,
nódoa, osso sem rédeas ou crina,
rótula ou tronco desganhado
da cartilagem nua
aflora do lodo, resvala
feito pedra ou dormente
lúcido olho enterrado
ruína
na cerca dos fetos : enredam-se
líquens ao seu redor
como serpente
como mãos que apalpam

cresce no solo e no riacho
raiz ou palafita, rara flor insurrecta
essa espora: avança a agonia sob o rio
escavando com lascas

de unhas e dentes de ferro, até o fundo,
até engolir

o gosto amargo dos metais

AGUSTONI, Prisca. *O gosto amargo dos metais*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2022. p.16

TEXTO III

Ubuntu Fristaili

Axé pra quem é de axé
Pra chegar bem vilão
Independente da sua fé
Música é nossa religião

Ok, ok, ok, ok, jou, seja forte
É nossa cara fazer a vida ser certa mais que a morte
Eu me refaço após cada passo, igual reflexo nas poças
Mandinga, coisa nossa
Eles não vão entender o que são riscos
E nem que nossos livros de história foram discos
Bamba, bamba, um bom samba, alguns petiscos
Ki-Suco rende dois litros, melhor que Frisco
Faz de conta que os racistas não perde a linha
Quando ergo a mão da filha dele sem armas nas minhas
Ruivas, morenas, pretas, divas, loirinhas
Doidas pra curtir quermesse de quebradinha
Onde um DJ comanda e manda, sabe o que faz
MCs são griots, o mic é pros capaz
Toca um "Ré laifai for roc
dérelai for roc, for roc"
E quebra tudo em paz, ou mais, arre pia agora
A África está nas crianças, e o mundo?
O mundo está por fora
Saravá Ogum, saravá Xangô, saravá
Saravá vovó, saravá vovô, saravá
Saravá mamãe, saravá papai, ô
De pele ou digital, tanto faz é tambô
Eu meto essa memo, eu posso
e tô pra ver, algo valer mais que um sorriso nosso
Graças ao quê? Graças aos raps
Hoje eu ligo mais quebradas do que o Google Maps
Então respeite meus cabelos crespos, ok? Ok?
Pronto, falei

Axé pra quem é de axé
Pra chegar bem vilão
Independente da sua fé
Música é nossa religião

Música do álbum *O glorioso retorno de quem nunca esteve aqui* (2013), do rapper Emicida.